

Civilização ecológica e segurança humana

PRIMEIRO FÓRUM SUL-SUL
PELA SUSTENTABILIDADE

Nós, participantes do Primeiro Fórum Sul-Sul pela Sustentabilidade, nos reunimos porque estamos profundamente preocupados com a crise global que ameaça a segurança humana e os meios de subsistência dos povos tanto no Sul como no Norte, bem como todas as formas de vida biodiversas em nosso planeta. Todos estão sofrendo com os prejuízos incalculáveis causados pela globalização do capital financeiro promovido pelo poder político dominante, que transferiu seus custos institucionais para o Sul e os menos favorecidos do mundo.

Nós acreditamos firmemente que a civilização ecológica, que nutre as ideias e a prática para a realização de uma simbiose inclusiva e harmoniosa entre a natureza e os seres humanos, pode ser uma alternativa e deve substituir a civilização capitalista.

Nós, portanto, propomos o consenso dos “Três Ss pela

Sustentabilidade”, baseados em uma civilização ecológica do Sul, ou seja, na Soberania, Solidariedade e Segurança. O mundo só pode retornar à civilização ecológica mediante fortalecimento da soberania dos povos sobre as áreas comuns [*commons*], da natureza e humanas, de forma autônoma do capital bem como da expropriação forçada pelos regimes de Estado, fortalecendo assim a solidariedade Sul-Sul. Somente então a segurança humana sustentável pode ser assegurada.

Para enfrentar a atual crise global, os países do Sul deveriam primeiramente fortalecer economias locais autônomas e diversificadas, abandonando o modelo de crescimento baseado nas exportações e dependente do carbono. Em segundo lugar, o Sul deveria criticar instituições maléficas que põem em perigo a natureza e a segurança humana, construindo discursos e culturas alternativas à globalização financeira,

a fim de contestar mecanismos desenhados primordialmente para servir aos interesses das elites do mundo e repudiar as políticas que representam os blocos do capital transnacional. Em terceiro lugar, deveríamos firmar alianças amplas com os 99% do Norte que sofrem tanto quanto os que se encontram no Sul, ou com aqueles que se identificam com a civilização ecológica, construindo solidariedade e cooperação em várias áreas de trabalho, estudo e ativismo. Juntos podemos forjar novas formas de “racionalidade cooperativa” e “reciprocidade comunal”, ou seja, formas de cooperação que contribuam para o cultivo das áreas comuns, que são essenciais para a civilização ecológica.

Os Três Ss mencionados derivam das perspectivas do Sul sobre as raízes da crise global tal como apresentado a seguir.

Crise: sua origem e facetas

Nesses 500 anos de história colonial, os povos do Sul foram invadidos, massacrados, pilhados, explorados e humilhados. Atualmente essa invasão e exploração se desenvolveram em uma nova mutação. Nesse âmbito, a

tendência contemporânea neofascista da expansão capitalista financeira depende da hegemonia militar, que se tornou o principal desafio para o Sul.

Nos dias de hoje, a causa direta da grave deterioração da segurança humana é a mudança cataclísmica da estrutura e das soluções da crise da dívida global na virada do milênio. Os mal pagadores se mudaram dos países em desenvolvimento, dos quais fazem parte 80% da população do mundo, para os países avançados, com 20% da população. Com efeito, segundo temos visto, quanto mais moderno e avançado é um país, mais altas são as suas dívidas públicas e privadas – que são despejadas sobre o Sul e os desprivilegiados do Norte! A chamada modernização aos moldes do Norte não é absolutamente um modelo a ser copiado por toda a humanidade. Ainda mais alarmante é o fato de as elites dos países avançados endividados do século XXI estarem rejeitando as próprias instituições e esquemas que o Norte, como credor, impôs aos países do Sul no final do século XX. A isso se seguiu o socorro das elites do setor financeiro do Norte,

gerando o grande volume da dívida pública dos seus países. Em vez de rever o sistema e reduzir as dívidas, os governos do Norte aumentam demasiadamente sua base monetária emitindo títulos do governo que correm o risco de provocar uma inflação global, contribuindo para externalizar ainda mais o custo da crise no Sul e entre os 99% do Norte de forma cada vez mais brutal.

Em sua essência, a atual crise financeira global é uma consequência da transição verificada ao longo dos anos 1990, partindo da geopolítica da Guerra Fria bipolar para uma hegemonia unipolar, resultando numa nova estratégia geopolítica global baseada na supremacia da moeda e sua circulação regional, destinadas a avançar ainda mais os interesses econômicos do bloco hegemônico. O impasse atual se agrava com a falência das fundações éticas e culturais que guiaram esse avanço, o fracasso da educação como um meio cultural e a irresponsabilidade dos intelectuais em transmitirem culturas e patrimônios locais. Práticas financeiras especulativas e abusivas, apoiadas pela ganância desenfreada, o desejo insaciável por

poder e controle, a vaidade e a arrogância, o individualismo e o egoísmo, o consumismo e o materialismo resultaram não somente na destruição dos meios de subsistência e do meio ambiente, mas também na deterioração dos valores que unem um povo a outro, uma comunidade a outra: o compromisso com as áreas comuns, de cuidado, respeito e amor aos seres humanos. Assim o que os governos e as corporações do Norte apresentaram para o resto do mundo como uma crise financeira, quando vista em sua totalidade, é de fato uma crise da humanidade e da civilização.

É inconcebível que os blocos de capital transnacional em busca de lucros máximos e poder voluntariamente contemham sua ganância e porem de transferir os custos para as pessoas e a ecologia. Isso é tão inconcebível quanto a possibilidade de os políticos que servem aos blocos promoverem reformas institucionais. É também inconcebível que os estudiosos tradicionais, que compartilham os mesmos interesses ao justificar o sistema vigente, conscientemente modifiquem seus discursos. Esses

blocos de interesses usurparam do povo os conceitos de “liberdade” e “democracia”, sempre na expectativa de superlucros mediante desencadeamento de conflitos e intervenções, flagrantemente ou veladas, nos assuntos internos dos países do Sul usando todos os meios de subversão e maquinações. No entanto, apesar da sua retórica justa, sua natureza “neofacista” tem sido exposta por via dos excessivos gastos militares que andam lado a lado com o endividamento crescente e a intensificação militarista contra os países do Sul. Em parceria com o Estado e as instituições financeiras internacionais, o poder do capital passou do padrão geral de arrasar sociedades e conduzir civilizações ao conflito para a crescente transgressão flagrante da soberania dos países do Sul, mediante um poder unipolar. Essa agressão neocolonial e a expansão do capital estão criando uma tragédia para a segurança humana e a ecologia. Um processo semelhante ocorreu repetidamente através da história humana.

A causa principal das guerras e conflitos, bem como da insegurança humana e da devastação ecológica tem sido

a transferência contínua dos custos de modernização e expansão do capital pelos países avançados para o Sul, o que tem constituído uma tendência institucional inerente no Norte.

Se o capital financeiro continuar a dominar a economia, se os financiadores e seus agentes na construção-do-discurso continuarem a não ser monitorados em sua fúria descontrolada ao redor do mundo, não somente serão solapadas a economia física e a ganância desenfreada, como irá prevalecer o desejo insaciável por ganhos imprevisíveis, mas também será cada vez mais difícil alcançar uma economia para o bem-estar da maioria. Como resultado, a devastação da ecologia e a segurança humana certamente serão exacerbadas.

Nosso chamado: ação e visão

Em face do ora exposto, apoiamos as revoltas populares contra a globalização financeira e pela causa que representa o bem-estar genuíno dos 99%.

Globalmente, números maciços de movimentos de base, organizações populares, povos indígenas, mulheres, minorias étnicas, vários grupos

marginalizados e alguns organismos governamentais do Sul têm persistentemente e criativamente resistido à dominação e exploração, criando alternativas de subsistência e sistemas sociais, nos seus respectivos contextos e configurações, que refletem as ideias da civilização ecológica e segurança humana. Nós devemos refletir sobre as lições: o sistema político, socio-cultural e econômico pró-capital que as elites construíram sobre o desenvolvimentismo predominante ao longo dos dois últimos séculos é a raiz do caos atual. Precisamos aprender com o conhecimento indígena que permite que gerações e gerações se mantenham em harmonia com o meio ambiente que os envolve. Precisamos enfatizar a igualdade de gênero e estimular culturas inclusivas e tolerantes. Devemos também explorar formas de regeneração cultural e conexão social baseadas nas suas experiências. Nós também temos muito a aprender com as práticas localizadas sustentáveis, geradas organicamente no dia a dia das pessoas e adaptadas para a coexistência inclusiva da segurança humana e a biodiversidade. Precisamos de uma reorientação que seja

pró-ecológica e pela subsistência do povo.

Denunciamos veementemente a invasão militar, sob qualquer pretexto, nos países do Sul, e as transgressões da soberania por forças neofascistas.

Nós também desafiamos outros e a nós mesmos a questionar valores imediatistas e destrutivos tais como o egoísmo, o materialismo e o consumismo. Igualmente nos opomos à expropriação dos bens comuns tais como os meios da vida (terra, água, energia) e as produções intelectuais mediante privatização e capitalização.

Conclamamos a todas as pessoas de todas as raças e gêneros a se unirem em solidariedade, independentemente de serem do Sul ou do Norte, desde que se identifiquem com o princípio dos Três Ss. Juntos podemos construir um mundo melhor como alternativa para a globalização financeira militarizada – uma civilização diversificada, inclusiva e ecológicamente sustentável na qual o povo e a natureza possam coexistir harmoniosamente, desenvolvendo assim uma segurança inclusiva genuína para todos!!!!

Os 99% do mundo, unam-se!

Signatários do Primeiro Fórum Sul-Sul pela Sustentabilidade. Hong Kong

Wen Tiejun (China)	Lau Kin Chi (Hong Kong, China)	Aleida Guevara (Cuba)
Alicia Ojeda (México)	Ana Amorim (Brasil)	Ando Takemasa (Japão)
Anne Marie de Saint Phalle (México)	Ariel Salleh (Austrália)	Arindam Banerjee (Índia)
Arjun Karki (Nepal)	Auyeung Lai Seung (HK, China)	Awa Ba (Senegal)
Chan May Ling (HK, China)	Chan Shun Hing (HK, China)	Chan Wai Fong (HK, China)
Chantana Wun'gaeo (Tailândia)	Chen Chuanbo (China)	Chen Xin (China)
Cheng Cunwang (China)	Chow Sze Chong (HK, China)	Cristina Isabel Cardozo (Bolívia)
Dai Jinhua (China)	Dong Xiaodan (China)	Ebrima Sall (Gâmbia)
Erebus Wong (HK, China)	Ernesto R. Sanchez (Venezuela)	Farhad M. M. Huq (Bangladesh)
He Zhixiong (HK, China)	Hui Po Keung (HK, China)	Hung Ho Fung (USA)
Ibrahima Coulibaly (Mali)	Isagani R. Serrano (Filipinas)	Jin Peiyun (China)
John Erni (HK, China)	Jorge Ishizawa (Peru)	Jorge Santiago (México)
Kho Tung-yi (Cingapura)	Lam Tsz Man, Carol (HK, China)	Lan Yonghai (China)
Lee Jung Ok (Coreia do Sul)	Li Chun Nei (HK, China)	Li Guanqi (China)
Li Xuejun (China)	Maria D. Alicia (Filipinas)	Maria E. Santana (México)
Martí Olivella (Espanha)	Masaaki Ohashi (Japão)	Mayling Oey-Gardiner (Indonésia)
Muto Ichiyo (Japão)	Pan Jiaen (China)	Pan Jie (China)

Patrick Bond (África do Sul)	Paulo Nakatani (Brasil)	Pedro Paez (Equador)
Qin Li (China)	Qiu Jiansheng (China)	Remy Herrera (France)
Roberto Baggio (Brasil)	Rogério Faleiros (Brasil)	Sam Moyo (Zimbábue)
Samantha Hargreaves (África do Sul)	Seiko Ohashi (Japão)	Shi Yan (China)
Sit Tsui, Margaret Jade (HK, China)	Srečko Horvat (Croácia)	Surichai Wun'gaeo (Tailândia)
Sun Heng (China)	Tang Baohua (China)	Tani Barlow (EUA)
Teng Wei (China)	Valentin Yakushik (Ucrânia)	Victor Hugo Jijon (Equador)
Vinod Raina (Índia)	Wang Songliang (China)	Wei Ran (China)
Wen Bo (China)	Wu Aijin (China)	Xu Lingtao, Tom (China)
Xiao Yiqiu (China)	Xu Wencai (China)	Yang Qichuan (China)
Yan Xiaohui (China)	Yang Yunbiao (China)	Yang Shuai (China)
Yuan Qinghua (China)	Zhang Bin (China)	Zhang Lanying (China)
Zhang Xi (China)	Zhao Qun (China)	Zheng Bing (China)
Zhou Li (China)		